

GRAMSCI, A FILOSOFIA DA PRÁXIS E “AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO” DE LÊNIN¹

Jarbas Mauricio Gomes²

Resumo

Análise da crítica gramsciana ao marxismo vulgar a partir da leitura do Caderno 11. O trabalho tem origem no debate interno no campo da educação em que se discute a filiação de Gramsci ao marxismo-leninismo. O objetivo do texto é demonstrar que Gramsci se esforçou para refutar qualquer vestígio de metafísica, dialética formal, determinismo ou reducionismo no interior do marxismo. Na fundamentação da filosofia da práxis, entendida como uma teoria para a emancipação dos trabalhadores, Gramsci se posicionou em relação às principais interpretações do marxismo dentre elas o texto de Lênin **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. A concepção de filosofia da práxis, como apresentada por Gramsci, ao mesmo tempo em que retoma o pensamento de Marx, inaugura uma nova forma de conceber o marxismo, condicionando-o a uma filosofia original e orgânica a realidade dos grupos sociais subalternos.

Palavras-chave: Gramsci. Lênin. Filosofia da Práxis.

Abstract

Analysis of gramscian critique to vulgar marxism from reading of Notebook 11. This paper has originate in the internal debate in the field of education in which discusses the affiliation of Gramsci to the marxism-leninism. The purpose of this text is demonstrate that Gramsci struggled to refute any vestige of metaphysics, formal dialectic, determinism or reductionism inside the marxism. In the grounds of philosophy of praxis, understood as a theory for the emancipation of workers, Gramsci positioned itself in relation to the main interpretations of marxism among them the Lenin's text **The three sources and three constitutive parts of Marxism**. The conception of philosophy of praxis, as presented by Gramsci, at the same time that retakes the thinking of Marx, inaugurates a new way of conceive marxism conditioning to an original and organic philosophy of reality to the subordinate social groups.

Keywords: Gramsci. Lenin. Philosophy of praxis.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar), bolsista CNPq. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (PPE-UEM), graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE-Toledo).

Introdução

A presente exposição é decorrente do debate educacional brasileiro sobre o pensamento do intelectual italiano Antonio Gramsci (1891-1937). Gramsci foi um pensador polêmico, combativo e em decorrência de suas críticas ao marxismo do início do século XX a sua filiação ao pensamento de Marx foi questionada. Diante desse cenário e na medida em que seu pensamento passou a ser objeto de disputa por intelectuais de diferentes matrizes teóricas, os defensores do argumento de que Gramsci é um marxista buscaram legitimar suas ideias qualificando-o como o herdeiro do marxismo-leninismo.

A presente exposição não tem o objetivo de demonstrar se Gramsci é ou não um marxista-leninista, mas procura demonstrar que Gramsci ao submeter a exame o marxismo de seu tempo se esforçou para refutar qualquer vestígio de uma dialética formal, determinista e reducionista no interior do marxismo, inclusive algumas teorizações do próprio Lênin. Parte-se do pressuposto de que no Caderno 11 ao situar a filosofia da práxis em sua historicidade, Gramsci operou rupturas inevitáveis em aspectos pontuais com o pensamento de Lênin, dentre eles a respeito das fontes e partes constitutivas do marxismo.

Isso não significa afirmar que o italiano desconsiderava as ideias de Lênin, muito pelo contrário, serve de ilustração para compreender como Gramsci se debruçou sobre os escritos de Lênin, e não só os dele, para compreender a estratégia revolucionária da esquerda. Diante de sua lógica formal e da tarefa de organizar o movimento revolucionário na Itália, as rupturas operadas por Gramsci atualizaram o pensamento marxista ao contexto histórico do início do século XX.

A presente exposição é resultado da leitura dos **Cadernos do Cárcere**³, especificamente o **Caderno 11**, e explora a partir da concepção de filosofia da práxis aspectos da relação de Gramsci com o pensamento de Lênin. Para isso, serão exploradas algumas indicações de Gramsci existentes no **Caderno 11** como forma de contraposição ao texto **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo** de Lênin. Gramsci não descaracterizou as formulações teóricas de Lênin, mas trabalhou com a questão da historicidade do marxismo e diante da vulgata marxista que se desenvolvia, posicionou-se contrário aos reducionismos explicativos aplicados nas interpretações do marxismo.

³ Normalmente as citações de Gramsci referenciam o caderno e o parágrafo. Como todas as citações de Gramsci remetem ao Caderno 11, para tornar o texto menos repetitivo, em muitos casos será indicado apenas o parágrafo. Para facilitar o acesso aos textos de Gramsci as citações estão referenciadas a partir da nova edição brasileira dos Cadernos do Cárcere, mas com o cotejamento da tradução brasileira com a edição crítica dos *Quaderni del Carcere* organizada por Valentino Gerratana.

O interesse pelo tema emergiu, inicialmente, do estudo da concepção gramsciana de Estado, tendo como fundamento o debate entre Norberto Bobbio (1983) e Jacques Texier (1975), iniciada com a exposição de Bobbio sobre **O conceito de Sociedade Civil** no Simpósio Internacional de Estudos Gramscianos realizado em Cagliari entre os dias 23 e 27 de Abril de 1967. Posteriormente, ao submeter à análise pesquisas sobre o pensamento de Gramsci realizadas em Programas de Pós-Graduação Brasileiros, deparei-me com duas teses que, embora não tenham o objetivo direto de interlocução, evidenciam a problemática da relação de Gramsci com Lênin e Marx: são as teses de Anita Helena Schlesener (2001) e Marcos Francisco Martins (2004).

A tese de Anita Helena Schlesener foi defendida em 2001 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná com o título de **A recepção de Gramsci no Brasil. A interpretação no contexto do PCB nos anos 60**. Nela a autora toma como pressuposto de análise o conceito de revolução e analisa a recepção de Gramsci no Brasil a partir da interpretação realizada pelos intelectuais do Partido Comunista Brasileiro na década de 1960. Ela aponta como a instrumentalização de Gramsci, por meio de uma interpretação que o considerava o herdeiro e defensor do marxismo-leninismo, impedia de compreender como ele se contrapôs à muitas análises de Lênin com o objetivo de enfatizar a historicidade do movimento dialético sob o qual o ideal da revolução está ancorado na realidade.

A tese de Marcos Francisco Martins, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas em 2004 com o título de **O valor pedagógico e ético-político do conhecimento para a “filosofia da transformação” de Gramsci e sua relação com o marxismo originário**, aproximou Gramsci do marxismo originário e destacou que Gramsci promoveu uma atualização do materialismo histórico e dialético enquanto filosofia da transformação e que o resultado dessa iniciativa dotou o pensamento gramsciano de um valor pedagógico-político no projeto de instrumentalização das classes subalternas com vistas à transformação da sociedade.

1. Lênin, as três fontes e as três partes do marxismo

No texto **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**, publicado em março de 1913 no n. 3 da revista *Prosveschenie*, Lênin promoveu um esforço teórico no

sentido de apresentar sinteticamente o pensamento de Marx, destacando os aspectos constituintes de sua originalidade. Situando o marxismo como herdeiro e sucessor dos grandes feitos da humanidade no século XIX, Lênin elenca a filosofia alemã, a política inglesa e o socialismo francês como as três fontes e partes constituintes do marxismo.

O texto pode ser caracterizado como uma exposição sobre o marxismo e como uma defesa das ideias de Marx. O texto é panfletário e dirigido diretamente aos operários, isso pode ser confirmado por alguns momentos do texto em que Lênin fornece indicações de leitura e afirma que as “[...] obras de Engels *Ludowig Feuerbach* e *Anti-dühring*, que – igual ao *Manifesto Comunista* – são livros que não devem faltar nas mãos de nenhum operário consciente” (LÊNIN, 1961. p. 31, tradução nossa). O uso de termos como doutrina e onipotente confere ao texto um ar apologético, principalmente quando enfatiza que o marxismo é onipotente porque é exato. Por também ser completo e harmonioso Lênin considerava o marxismo o “[...] sucessor legítimo do que de melhor criou a humanidade no século XIX [...]” (LÊNIN, 1961. p. 31, tradução nossa).

O mote do texto é apresentado brevemente no início quando Lênin destaca que “A doutrina de Marx suscita em todo mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa (tanto oficial como liberal), que vê no marxismo uma espécie de ‘seita nefasta’” (LENIN, 1961. p. 31, tradução nossa). Ele enfatiza que não existe ciência social imparcial numa sociedade de classes e que a ciência oficial por estar filiado ao pensamento liberal defendia o que ele denominou de escravidão assalariada.

O texto é dividido em três partes, uma para cada fonte. A primeira parte demonstra os avanços de Marx em relação à filosofia materialista do século XIX; a segunda é uma exposição acerca da análise de Marx sobre a economia política em **O Capital**; e a terceira parte esboçou como Marx deduziu a partir das experiências revolucionárias na Europa, com ênfase à experiência francesa.

Na primeira parte, sobre a filosofia materialista do século XIX, é possível destacar três ideias expostas por Lênin acerca do marxismo: a) a filosofia do marxismo é o materialismo: a única filosofia consequente, fiel a todos os ensinamentos das ciências naturais, hostis à superstição e a beatice; b) a filosofia de Hegel, o materialismo de Feuerbach e a dialética: a dialética foi a principal aquisição do marxismo da filosofia alemã, uma doutrina do desenvolvimento e da relatividade do conhecimento humano; c) Marx estendeu o materialismo filosófico ao conhecimento da sociedade humana: o

marxismo é uma teoria integral e harmoniosa que mostra como o crescimento das forças produtivas desenvolve de uma forma de vida social uma forma mais elevada.

Essas três características esboçam de modo limitado a ideia geral da primeira parte do texto. Lênin destacou que o conhecimento social do homem reflete o regime econômico da sociedade, de modo que as instituições políticas são denominadas de superestrutura e se levantam a partir da base econômica. Lênin encerrou a primeira parte destacando que “A filosofia de Marx é o materialismo filosófico acabado, que deu uma formidável arma de conhecimento à humanidade e, sobretudo, à classe operária” (LENIN, 1961. p. 32, tradução nossa).

Na segunda parte, dedicada à economia inglesa Lênin destacou que “Marx seguiu o desenvolvimento do capitalismo desde os primeiros germes da economia mercantil, desde as trocas simples, até as suas formas mais elevadas, até a grande produção” (LENIN, 1961. p. 32, tradução nossa). Esta parte pode ser sintetizada a grosso modo em outras três temáticas: a) **O Capital** de Marx: o livro foi dedicado ao estudo do regime econômico da sociedade moderna, a sociedade capitalista; b) a economia política clássica, inglesa: Marx partiu da *teoria do valor-trabalho* e demonstrou a relação entre o valor de uma mercadoria e a quantidade de tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la; c) a teoria da *mais-valia*: Marx demonstrou que o capital criado pelo trabalho do operário oprime o operário, cria um exército de desempregados e cria situações de monopólio para os grandes capitalistas.

Lênin destacou que “Onde os economistas burgueses viam relações entre objetos (troca de umas mercadorias por outras), Marx descobriu *relações entre pessoas* [...] (LENIN, 1961. p. 32, tradução nossa). Ele apresentou os temas da troca de mercadorias e do *dinheiro* como expressão da ligação cada vez mais estreita da vida econômica dos diferentes produtores. Ressaltou que o *capital* significava maior desenvolvimento desta ligação, mas que tornava o homem mercadoria, forçando o homem a vender sua força de trabalho em troca de um salário.

O destaque de Lênin recaiu sobre a teoria da mais-valia, apresentada como a pedra angular da teoria econômica de Marx. Em uma demonstração rápida sobre os efeitos da mais-valia nas relações de produção tanto industrial como agrícola, destacou que as condições de superioridade da produção agrícola capitalista geravam uma situação de exploração que, na medida em que aumentava o uso da maquinaria na agricultura a propriedade agrícola era transferida para o controle do capital financeiro.

A terceira parte foi dedicada ao socialismo francês e Lênin ao contextualizar o movimento revolucionário na França apontou que “[...] as tempestuosas revoluções que acompanharam em toda a Europa, e especialmente na França, a queda do feudalismo, da servidão na gleba, fizeram ver cada vez com maior clareza que a base de todo o desenvolvimento e a sua força motriz era a *luta de classes*” (LENIN, 1961. p. 32-33, tradução nossa).

As três características que sintetizam as ideias desta parte do texto são: a) o fim do regime feudal e a liberdade decorrente dele: o marxismo tornou claro que a liberdade, na verdade, representava um novo sistema de opressão e exploração; b) o socialismo utópico não tinha as explicações necessárias: o marxismo permitiu conhecer as leis do desenvolvimento do capitalismo e indicou as forças sociais capazes de criar uma nova sociedade; c) a relação dos homens com a política: o marxismo demonstrou que os homens sempre serão enganados a menos que aprendam a descobrir por detrás de todas as frases, declarações e promessas morais e religiosas, política e sociais, os interesses de cada classe social.

Para Lênin a genialidade de Marx “[...] está em ter sido o primeiro a ter sabido deduzir daí a conclusão implícita na história universal e em tê-la aplicado conseqüentemente. Tal conclusão é a doutrina da *luta de classes*” (LENIN, 1961. p. 33, tradução nossa). Ter consciência da luta de classes como conclusão do processo de organização da sociedade propiciava, naquele momento de luta revolucionária, a crítica ao movimento de expansão do capitalismo. Lênin visualizava o potencial emancipatório das teses de Marx e por isso buscava a difusão do marxismo pela classe trabalhadora. A apropriação desse conhecimento pelos trabalhadores representava uma etapa de contraposição ao processo de formação do homem característico da organização política e econômica da sociedade do capital.

Ele destacava que para vencer a resistência de classe só haveria um meio, educar os trabalhadores, organizá-los para a luta política criando uma força capaz de varrer o velho e criar o novo. Lênin ressaltou que apenas o “[...] materialismo filosófico de Marx indicou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetaram até hoje todas as classes oprimidas. Só a teoria econômica de Marx explicou a situação real do proletariado no conjunto do regime capitalista” (LENIN, 1961. p. 33, tradução nossa).

Lênin encerrou o texto enfatizando o papel da educação e da instrução no processo revolucionário. Esse aspecto levantado por Lênin, embora não esteja verbalizado remete a

questão da emancipação dos trabalhadores, possível mediante um processo educativo no qual, pelo domínio das ferramentas teóricas constantes da filosofia marxista, os trabalhadores tornam-se capazes de promoverem a própria libertação.

No mundo inteiro, da América ao Japão e da Suécia à África do Sul, multiplicam-se as organizações independentes do proletariado. Este se educa e se instrui travando a sua luta de classe; liberta-se dos preconceitos da sociedade burguesa, adquire uma coesão cada vez maior, aprende a medir o alcance dos seus êxitos, temperam as suas forças e crescem irresistivelmente (LENIN, 1961. p. 33, tradução nossa).

Esses são os elementos do breve texto de Lênin que, na medida em que expõe o pensamento de Marx, a partir de três fontes e três partes constituintes, oferecia aos trabalhadores um material sucinto de divulgação sobre o marxismo. E, de certo modo, de doutrinação dos trabalhadores na teoria socialista. Lênin fez um esforço para traduzir a complexidade do pensamento de Marx em algumas poucas páginas de modo que esse conhecimento estivesse ao alcance de todos os trabalhadores, a consequência disso, como apontado por Gramsci foi vulgarização do marxismo pela simplificação mecânica de sua teoria, gerando em muitos casos explicações metafísicas para processos cuja origem está no desenvolvimento histórico da luta dos grupos subalternos por melhores condições de vida e trabalho.

2. Gramsci, a filosofia da práxis e a crítica ao ensaio de Lênin

A cronologia da vida de Gramsci dá conta de que por ocasião de sua estadia na Rússia (1922-1923), como membro do comitê executivo da Internacional Comunista, ele teve a oportunidade de militar ao lado de Lênin. Notas como o § 46 do Caderno 11 dão indícios dessa proximidade entre os dois, a que pese as condições em que escreveu os cadernos, a expressão “ou disse” lança a incerteza efetiva desse convívio, mas que de todo fica na especulação da narrativa de Gramsci que dá conta de que “Em 1921, tratando de problemas de organização, Vilitch escreveu ou disse (mais ou menos) o seguinte: não soubemos “traduzir” nas línguas europeias a nossa língua” (GRAMSCI, 1999. p. 185).

Não há dúvidas de que Gramsci teve em Lênin um exemplo de militante e intelectual, ao ponto de considera-lo como o pensador que mais contribuiu para o desenvolvimento da filosofia da práxis. É, no entanto, a concepção de filosofia da práxis

que permite explorar até que ponto a relação teórica de Gramsci com Lênin se sustenta. Ambos estavam de acordo em relação aos ideais políticos que defendiam, mas Gramsci se destacou na medida em que analisou e questionou as interpretações da filosofia materialista de seu tempo, o marxismo.

A crítica ao texto sobre as três fontes e partes constituintes do marxismo de Lênin é encontrada no § 33 intitulado *Questões gerais*. Gramsci tinha como pressuposto a ideia de que o tratamento sistemático da filosofia da práxis não poderia ser desenvolvido de forma reducionista, para não negligenciar nenhuma das partes constitutivas da doutrina de seu fundador. Este era, inclusive, um princípio disposto no próprio texto de Lênin. Para Gramsci muitas interpretações do marxismo promoviam um reducionismo da filosofia de Marx e na busca de explicações fáceis tendiam à aplicação mecânica e de modo idealista acabavam por promover a manutenção da existência de vestígios metafísicos no interior do marxismo. Como entender a posição de Gramsci? Ele encaminha a discussão afirmando a necessidade de se atentar para toda a parte filosófica do marxismo e desenvolver de modo coerente os conceitos gerais de uma metodologia da história e da política. Para ele não se pode deixar de tratar dos aspectos pertinentes à arte, economia, ética e até mesmo das teorias das ciências naturais, elementos que não aparecem nem de modo implícito no texto de Lênin.

Uma concepção muito difundida é a de que a filosofia da práxis é uma pura filosofia, a ciência da dialética, e as outras partes são a economia e a política; daí se afirmar que a doutrina é formada por três partes constitutivas, que são ao mesmo tempo o coroamento e a superação do mais elevado nível que, por volta de 1848, tinha atingido a ciência das nações mais desenvolvidas da Europa: a filosofia clássica alemã, a economia clássica inglesa e a atividade e a ciência política francesa (GRAMSCI, 1999. p. 165).

Embora não cite o texto de Lênin é com ele que Gramsci está polemizando. O italiano considerou que o texto era uma investigação genérica das fontes históricas do marxismo e que ao estabelecer três fontes e três partes constituintes do marxismo Lênin contribuía para generalizar a aplicação mecânica e metafísica da filosofia de Marx na análise da história. Gramsci estava empenhado em realizar a crítica à essa forma de conceber o marxismo, em outras palavras, sua crítica era dirigida à vulgata marxista.

Há que se considerar que Lênin, nem de longe, é o principal alvo das críticas de Gramsci, mas, ele não passou incólume, em especial pelo seu trabalho de exposição do

marxismo no texto sobre as três fontes e partes constituintes do marxismo. Para avançar na crítica que Gramsci fez à essa forma de leitura e interpretação do marxismo, um dos caminhos a seguir é aquele de suas análises sobre a concepção de filosofia da práxis.

Tornou-se um consenso entre os leitores de Gramsci que o conceito de filosofia da práxis foi empregado por ele como uma forma de criptografia carcerária ao termo marxismo na tentativa de evitar censura. Esse consenso permite inferir que filosofia da práxis é, para não dizer sinônimo, um termo equivalente a marxismo. A aplicação mecânica dessa indicação pode levar a equívocos interpretativos, pois, ela estabelece uma unidade na concepção de marxismo que é estranha à Gramsci.

No entanto, não é um equívoco considerar que a concepção de filosofia da práxis remete ao marxismo. A problemática que se impõe é decorrente da própria prática analítica de Gramsci que, em função da historicidade de sua lógica dialética, sempre apresenta um “porém”. Cabe, portanto, àqueles que se propõem analisar seu pensamento, identificar esses “poréns” que no tema em questão começa por colocar em questão: de que marxismo Gramsci está tratando a cada menção à filosofia da práxis?

Há outras duas características do pensamento carcerário gramsciano que podem ser consideradas. A primeira é a “dilatação” ou ampliação que Gramsci realizou sobre os conceitos que empregou em suas análises, vide os conceitos de Estado, hegemonia, intelectuais e filósofos, dentre outros. A segunda é a sua iniciativa de colocar em análise o pensamento de sua época, não importando se ele era de matriz liberal ou marxista. Suas análises sobre as interpretações do marxismo tiveram como mote afastar toda e qualquer possibilidade de interpretação metafísica da história, de reducionismo teórico e de aplicações mecânicas e idealistas na análise da realidade.

Gramsci, que frequentou o curso de letras mas não se formou, tinha um cuidado especial em relação à questão da linguagem. Seu apreço pela linguagem tinha origem histórica e era decorrente da unificação italiana em 1861 que, conquistada politicamente, evidenciava a fragmentação cultural da Itália, expressa, sobretudo, pela dificuldade de unificar a língua italiana diante da profusão de dialetos. Sua preocupação com a linguagem se estendia também ao desgaste conceitual sofrido pelas categorias do marxismo em função de uma interpretação vulgar e dos usos e abusos decorrentes da apropriação e difusão realizada no interior dos movimentos revolucionários e que passava a predominar principalmente no socialismo russo. Como exemplo pode ser mencionada a crítica de

Gramsci ao texto de Nikolai Bukharin intitulado **A teoria do materialismo histórico. Manual de sociologia marxista** publicado em Moscou em 1921.

Esses elementos permitem levantar a hipótese de que ao empregar o termo filosofia da práxis ao invés de marxismo, Gramsci estava fazendo mais do que burlar a censura, estava se afastando da interpretação vulgar do marxismo e, ao mesmo tempo, atualizando-o às condições históricas, políticas e filosóficas da Itália no início do século XX.

Apenas a título de exemplificação do uso criptográfico do termo “filosofia da práxis” como referência ao marxismo, expõe-se três exemplos do início do Caderno 11. A criptografia pode ser identificada em notas como o § 3, no qual Gramsci fez indicações sobre a produção de um intelectual denominado Alessandro Chiappelli indicando a existência de um livro sobre **As premissas filosóficas do socialismo**. A nota é breve, mas ao apresentar o contexto o fez nos seguintes termos: “[...] Por volta da metade do decênio 1890-1900, quando saíram os ensaios de Antonio Labriola e de B. Croce, Chiappelli escreveu sobre a filosofia da práxis [...]” (GRAMSCI, 1999. p. 86).

O § 8 do Caderno 11, além de servir de exemplo para a criptografia, lança indícios de que o termo filosofia da práxis já estava em uso, vide que o parágrafo é dedicado à Antonio Lovecchio e o livro por ele escrito intitulado **Filosofia della prassi e filosofia dello spirito** de 1928. Gramsci, partindo de uma resenha assim se pronuncia:

[...] o livro consta de duas partes, uma sobre a filosofia da práxis, outra sobre o pensamento de B. Croce, ligadas entre si pela contribuição de Croce à crítica da filosofia da práxis. A parte conclusiva se intitula ‘Marx e Croce’. Discute as teses sobre a filosofia da práxis, notadamente as de Antonio Labriola, Croce, Gentile, Rodolfo Mondolfo, Adelchi Baratono, Alfredo Poggi [...] (GRAMSCI, 1999. p. 90).

No § 9, também do Caderno 11, dedicado à análise do pensamento de Ettore Ciccotti a partir de um texto intitulado **Confronti storici**, Gramsci parte da indicação de duas resenhas. Uma favorável e outra contra o texto de Ciccotti. O ponto central de sua análise é o emprego que Ciccotti fez do princípio proposto por Giambattista Vico de que o certo se converte no verdadeiro. Para Gramsci ele se apropriava da capacidade da história de apresentar a certeza e equivocadamente confundia certo com verdadeiro. Após desenvolver algumas considerações sobre o texto e as resenhas, tomando como fundamento uma parte específica do texto ao qual teve acesso, apresentou a seguinte consideração: “[...] A ‘filosofia da práxis’ de Ciccotti é muito superficial: é a concepção de

Guglielmo Ferrero e de C. Barbagallo, ou seja, um aspecto da sociologia positivista, temperada com alguma dignidade viquiana [...]” (GRAMSCI, 1999. p. 91).

O uso da criptografia se faz evidente. Portanto, não se pode negá-lo. Entretanto, seguindo a própria indicação de Gramsci de que em se tratando da história não se pode tomar o certo como verdadeiro, considera-se que, quando da leitura dos Cadernos do Cárcere, não parece ser adequado adotar o pressuposto de que todos os usos do termo filosofia da práxis são criptografia. Considerando o histórico de Gramsci no trato dos conceitos e concepções é pertinente estar aberto às ampliações conceituais.

As análises do **Caderno 11** são plenas de indicações acerca dos elementos acima apresentados, sobretudo a partir do § 12 quando tem início o ensaio monográfico intitulado de **Apontamentos para uma introdução e um encaminhamento ao estudo da filosofia e da história da cultura**. O Caderno 11 pode ser interpretado não só como uma introdução ao estudo, mas, também, como uma teoria emancipatória em que a razão humana está no centro de um processo de aquisição dos elementos necessários à crítica da concepção de mundo hegemônica e, inclusive, da própria concepção de mundo. A filosofia da práxis, entendida para além da criptografia carcerária encerra em si o germe desse processo emancipatório que tem origem no momento em que se reconhece que a filosofia e o filosofar não são privilégio de um grupo de especialistas. Por isso, no § 26 insiste que,

[...] A experiência sobre a qual se baseia a filosofia da práxis não pode ser esquematizada; ela é a própria história em sua infinita variedade e multiplicidade, cujo estudo pode dar lugar ao nascimento da ‘filologia’ como método de erudição na verificação dos fatos particulares e ao nascimento da filosofia entendida como metodologia geral da história [...] (GRAMSCI, 1999. p. 146).

A insistência de Gramsci em estabelecer a historicidade da filosofia da práxis está vinculada a existência de diferentes elaborações do marxismo cuja iniciativa de simplificá-lo para que fosse assimilado mais rapidamente pelos estratos subalternos, sem grande esforço intelectual, contribuíram para torná-lo uma doutrina esvaziada de sua natureza filosófica. Foi no § 16 que Gramsci caracterizou esse movimento de redução do materialismo histórico em materialismo dialético.

Uma das razões, talvez a predominante, da redução do materialismo histórico ao metafísico tradicional deve ser buscada no fato de que o materialismo histórico não podia deixar de ser uma fase

predominantemente crítica e polêmica da filosofia, enquanto se tinha necessidade de um sistema já completo e perfeito [...] (GRAMSCI, 1999. p. 128).

Gramsci pensava a filosofia da práxis a partir de uma lógica dialética, isso o fazia perceber que o desenvolvimento da filosofia da práxis requeria certos estágios, sendo o primeiro a atitude polêmica e crítica. Enquanto fase inicial ela não tinha a perfeição de um sistema filosófico maduro e sua fragilidade inicial fez com que a historicidade fosse abandonada dando espaço para uma metafísica materialista. É nesse ponto que, ainda no § 16, a questão da linguagem se sobressai, em uma indicação sobre o papel da terminologia nos erros e desvios teóricos do marxismo, porque ao recorrer aos sistemas filosóficos historicamente consolidados foram incorporados ao marxismo conceitos e concepções originalmente carregados de idealismo, dogmatismo e fatalismo.

[...] É possível ver também aqui como a terminologia é convencional, mas tem sua importância na determinação de erros e desvios que ocorrem quando não se leva em conta que é sempre necessário recorrer às fontes culturais para determinar o valor exato dos conceitos, já que, sob um mesmo chapéu, podem estar diferentes cabeças [...] (GRAMSCI, 1999. p. 129).

Com a difusão do marxismo aos grupos subalternos, os termos mais centrais do marxismo passaram a compor o senso comum desses grupos e, com eles, a metafísica se fazia presente e mediava as percepções da realidade. A passagem deixa transparecer que a demanda por um sistema filosófico perfeito levou os intelectuais a buscar as respostas que o marxismo ainda não tinha nos sistemas filosóficos mais consolidados. Com isso o marxismo passou a ser impregnado de metafísica, idealismo, dogmatismo, determinismo, fatalismo e mecanicismo. Esse é um indício que, presente no § 16, aponta para a iniciativa de Gramsci de empregar um conceito diferente daquele que já se encontrava viciado e impregnado no senso comum.

[...] É notório, por outro lado, que o fundador da filosofia da práxis jamais chamou sua concepção de 'materialismo' e que, falando do materialismo francês, criticou-o, afirmando que a crítica deveria ser mais exaustiva. Assim, jamais usou a fórmula 'dialética materialista', mas sim 'racional', em contraposição a 'mística', o que dá ao termo racional uma significação bastante precisa (GRAMSCI, 1999. p. 129).

Mais do que criptografia, a concepção de filosofia da práxis ao mesmo tempo em que retoma o pensamento de Marx, inaugura uma nova forma de conceber o marxismo, cujo termo impregnado de mecanicismo e de uma carga metafísica não atendia as necessidades de uma filosofia em formação. Para Gramsci, no § 25 do Caderno 11,

[...] a filosofia da práxis nasceu sob a forma de aforismos e de critérios práticos por um mero acaso, a saber, porque o seu fundador dedicou sistematicamente as suas forças intelectuais a outros problemas, notadamente econômicos; nestes critérios práticos e nestes aforismos, contudo, está implícita toda uma concepção do mundo, uma filosofia. [...] (GRAMSCI, 1999. p. 150).

O caminho apontado por Gramsci para a elaboração da filosofia da práxis remete, novamente à historicidade, na medida em que defende que ela só se realiza no estudo concreto da história passada e da atividade presente de criação da história atual. O resultado desse tipo de ação, como apresentado no § 22, é a fundamentação de uma filosofia que, na medida em que se impõe como um pensamento original e vigoroso, supera e incorpora as outras. Incorporar, no entanto, não significa emprestar as soluções já estabelecidas, mas apropriar-se dos problemas e solucioná-los a partir de novas perspectivas metodológicas e nesse movimento mantém sua independência frente aos paradigmas teóricos, filosóficos e científicos anteriormente estabelecidos.

[...] a filosofia da práxis for concebida como uma filosofia integral e original, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicional, expressões das velhas sociedades. Se a filosofia da práxis é pensada apenas como subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa. (GRAMSCI, 1999. p. 143).

Quando o termo filosofia da práxis aparece pela primeira vez nessa construção teórica no § 12 do Caderno 11, é possível identificar que, embora seja possível tomá-lo como substituição do termo marxismo, ele não aparece mais apenas como criptografia, ele aparece relacionado à elaboração de uma concepção dilatada de filosofia que, orgânica à vida prática, deve ser difundida entre os simples e não restrita apenas aos grupos de intelectuais especializados. Para Gramsci “[...] Só através desse contato é que uma filosofia

se torna 'histórica', depura-se dos elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em 'vida'" (GRAMSCI, 1999. p. 100).

Para Gramsci estava clara a necessidade de redefinir a filosofia da práxis. No entanto, também estava evidente que essa definição não poderia estar pautada nos critérios de verdade e certeza até então praticados, que em muitos casos apelavam para a metafísica e para o idealismo. Pela defesa da historicidade, defendeu que a filosofia da práxis é fluida, historicamente situada e por isso mesmo em constante transformação. Ela é uma filosofia de massa, polêmica em atitude perpétua de luta contra as filosofias tradicionais, cuja concepção de homem prevê a percepção de que a natureza humana é historicamente datada que desconsiderar a história é conceber que o homem é sempre o mesmo a qualquer tempo e não um ser em transformação, cuja transformação da natureza e das relações sociais são também a transformação de si mesmo.

Considerações finais

O pensamento de Lênin está na matriz das ideias de Gramsci que o considera o "maior teórico moderno da filosofia da práxis". No entanto, o italiano não se eximiu de efetuar a crítica à Lênin quando considerou que suas proposições reforçavam a vulgata marxista. Defensor de uma filosofia de base historicista, Gramsci refutou todo e qualquer vestígio de metafísica, mecanicismo e idealismo no tratamento do pensamento de Marx.

A concepção gramsciana de filosofia da práxis não se apresenta apenas como um instrumento de criptografia carcerária. Ao longo do Caderno 11, Gramsci apresentou a filosofia da práxis como uma reelaboração original do marxismo, cuja fundamentação historicista e dialética é a base da defesa de um processo de formação filosófica dos trabalhadores, em um projeto educativo emancipatório.

Embora faça a crítica ao texto de Lênin, por considera-lo reducionista e entender que ele contribuía para a afirmação da vulgata marxista, Gramsci não é contrário às ideias de Lênin. A lógica dialética de Gramsci servia de guia para as suas análises e por isso, o italiano tinha clareza de que as condições históricas de Lênin eram diferentes das suas, o que exigia um trabalho de crítica e de reformulação de muitas das categorias anteriormente apresentadas pelo revolucionário russo.

Referências

BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, Volume 1: introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere: Edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana*. Torino: Einaudi, 2007. 4 vol.

LÊNIN, Ilitch Ulianov. Tres fuentes y tres partes integrantes del marxismo. In: LÊNIN, Ilitch Ulianov. **Obras escogidas**. Tomo I. Moscú: Progreso, 1961. p. 31-33.

MARTINS, Marcos Francisco. **O valor pedagógico e ético-político do conhecimento para a "filosofia da transformação" de Gramsci e sua relação com o marxismo originário**. 2004. 320f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2004.

SCHLESENER, Anita Helena. **A recepção de Gramsci no Brasil**: a interpretação no contexto do PCB nos anos 60. 2001. 357f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2001.

TEXIER, Jacques. **Gramsci, teórico de las superestructuras**. Traducción José Fernández Valência. México: Ediciones de Cultura Popular, 1975.